

Programa TVeZ Como Iniciativa Educomunicativa: A Construção de um Jornal Escolar¹

Calebe RODRIGUES²

Cátia Luzia Oliveira SILVA³

Andrea Pinheiro Paiva CAVALCANTE⁴

Universidade Federal do Ceará

RESUMO: O presente artigo visa mostrar como o programa de extensão TVeZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia da Universidade Federal do Ceará usa de iniciativas educomunicativas em suas ações nas escolas públicas de Fortaleza e Região Metropolitana. O foco da discussão está na construção de um Jornal Escolar como meio democrático de comunicação que estimula a capacidade criativa dos estudantes na Escola de Ensino Fundamental e Médio Pe. Marcelino Champagnat.

Palavras-chave: Educomunicação; Democratização; Uso crítico da Mídia; TVeZ.

INTRODUÇÃO

O programa de extensão TveZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia da Universidade Federal do Ceará é iniciativa de Inês Vitorino, professora do curso de Publicidade e Propaganda, e Luciana Lobo, professora do curso de Psicologia. Através dele, há 12 anos é trabalhado o uso crítico da mídia nas escolas públicas da cidade de Fortaleza e Região Metropolitana. O programa é formado por estudantes de graduação majoritariamente dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Psicologia, Cinema e Sistemas e Mídias Digitais, sendo assim, nítido o alto nível de interdisciplinaridade presente nas suas ações.

¹Trabalho apresentado no IJ6 no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Fortaleza - CE – 29/06 a 01/07/2017

²Estudante de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará, integrante do programa TveZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia e monitor da disciplina Educomunicação, e-mail: rscalebe@gmail.com

³Orientadora do trabalho e professora do curso de Sistemas e Mídias Digitais da UFC, e-mail: catia@virtual.ufc.br

⁴Co-orientadora do trabalho e professora do curso de Sistemas e Mídias Digitais da UFC, e-mail: andrea@virtual.ufc.br

O Programa conta com o “Projeto Tvez: oficinas de comunicação para a cidadania” que promove junto com as escolas públicas atividades de caráter educativo, social, cultural, científico, tecnológico e de inovação tecnológica. Através do projeto, pretende-se não só levantar o debate sobre a influência dos meios sobre os estudantes, mas democratizar as ferramentas de produção usadas por esses meios.

Em 2016, o programa realizou uma série de oficinas na Escola de Ensino Fundamental e Médio Pe. Marcelino Champagnat, instituição de ensino pública, localizada no bairro Barroso, periferia de Fortaleza. As ações tinham objetivo de facilitar a construção do jornal escolar por 10 estudantes entre o sexto e o oitavo ano do ensino fundamental.

Para isso, foram usados métodos educomunicativos, como pensa Soares (2002), através de um conjunto de ações cuja finalidade é integrar às práticas educativas e processos comunicativos democráticos, abertos e participativos. Sendo assim, considerando o jornal escolar para além do caráter noticioso e investindo na capacidade criativa dos estudantes, abordando o jornal não como um meio técnico de transmissão de informações, mas como pensava Freinet:

Freinet (2004, p.31) acreditava que o jornal escolar era, nesse contexto, uma forma de se romper com uma pedagogia voltada a conhecimentos mecanicistas e com pretensões superficiais no ensino básico dos alunos. O educador francês advertia e ao mesmo incitava: “Galope, galope! Entusiasme seus alunos para irem cada vez mais depressa e cada vez mais longe.” Para Célestin Freinet a saída para estimular os alunos a realmente crescer é fácil: “Basta você prever atividades suficientes – felizmente, há muitas –, para alimentar a necessidade de criar e de realizar”. (SILVA & KRAUSS, 2011, p. 4).

Visto isso, o presente artigo apresenta as oficinas realizadas pelo projeto “Tvez: oficinas de comunicação para cidadania” para construção do jornal escolar como um meio democrático de comunicação que influencia na democratização das ferramentas utilizadas nos meios de comunicação, investindo na capacidade de criação dos alunos e formando um ecossistema comunicativo em paralelo com a análise e mudança da relação entre os jovens com os meios de comunicação tradicionais.

O programa Tvez como iniciativa educomunicativa

A Educomunicação é compreendida como a área de relações entre a educação e a comunicação, sendo também, como disse Roberto Aparici (2014, p. 29), concebida

como recepção crítica da mídia, pedagogia da comunicação, educação para televisão, pedagogia da imagem didática dos meios audiovisual e educação midiática.

Donizete Soares (2006) atentou para o termo educomunicação não como uma mera junção de Educação e Comunicação. Não apenas como a união das áreas, mas destacando de modo significativo um terceiro termo, a ação. É sobre ele que continua a recair a tônica quando a palavra é pronunciada, dando-lhe assim, um significado particularmente importante. A ação marca o programa de extensão Tvez, uma vez que nele é evidenciado o caráter de campo nas escolas públicas.

O programa é construído com base na relação e diálogo de forma horizontal entre os integrantes e as orientadoras. Os integrantes estão envolvidos desde a escolha da escola à idealização das oficinas a serem ministradas. Revelando assim, sua construção a partir de múltiplas relações e visões, uma singularidade da educomunicação, como disse Soares:

(A educomunicação) trata-se, portanto, de um campo de ação política, entendida como o lugar de encontro e debate da diversidade de posturas, das diferenças e semelhanças, das aproximações e distanciamentos. Por excelência, uma área de transdiscursividade e, por isso, multidisciplinar e pluricultural. (SOARES, 2006, p.4)

Além disso, é importante ressaltar que não existe processo seletivo e graduação específica para participar como voluntário do projeto por pensar a educação a partir da experiência individual de cada integrante.

O programa de extensão vem abordando o uso crítico da mídia em todas suas ações em escolas públicas, trazendo tecnologias desde fanzine à produção audiovisual para tratar da participação da mídia na construção da subjetividade de crianças e jovens. Pensando na perspectiva da aliança entre educação e comunicação – principalmente o uso das tecnologias no ensino presencial ou à distância ou a produção educativa por parte dos meios massivos. (Ismar Soares, 1999, citado por Schaun, 2002, p. 88)

Em 2016, a partir do projeto “Tvez: oficinas de comunicação para cidadania” foram alcançadas duas escolas públicas de Fortaleza: E.E.F.M. Walter de Sá Cavalcante e E.E.F.M. Padre Marcelino Champagnat.

Na E.E.F.M. Walter de Sá Cavalcante ocorreu uma oficina de democratização da comunicação durante a greve e ocupação estudantil. Sendo assim, um momento crucial para o levantamento do debate sobre “uma educação para as mídias, com elas e sobre elas” (FANTIN, 2006, p.12). Para assim, entender a importância da construção de uma mídia mais plural, representativa e com conteúdo regional.

Já na E.E.F.M. Padre Marcelino Champagnat ocorreram as oficinas de Fanzine, Audiovisual e para construção do Jornal Escolar. Estas ações tiveram o foco no cotidiano dos estudantes relacionado ao uso das mídias, dialogando com os tipos de mídias já utilizadas no ambiente escolar e também apresentando novas possibilidades para o uso delas.

Na construção diária do programa e planejamento das ações, o Tvez mostra-se contrário ao modelo de Educação Bancária (Freire, 1980), que prevê transmissão de conhecimento do professor para o aluno, onde é imposta uma relação de superioridade do docente em relação ao discente. O programa trabalha para estimular o protagonismo dos estudantes, apoiando as iniciativas de produção de comunicação com caráter inclusivo e participativo no universo escolar e na sociedade. Por isso, as ações do Tvez são pensadas a partir das demandas apresentadas pelas escolas públicas e construídas cooperativamente, baseado nas palavras de Freire:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. Daí que, como conteúdo da comunicação, não possa ser comunicado de um sujeito a outro. (FREIRE, 1985, p.45)

Assim, nas ações é abordada junto aos professores e estudantes, a mídia como recurso didático, objeto de análise e forma de expressão. Por isso, as parcerias do programa com as escolas são de médio a longo prazo com a finalidade de oferecer oportunidades de acesso a uma produção de mídia, através da qual desenvolvem a sensibilização dos sentidos em relação a novas formas de linguagem. Levando em consideração as experiências para além da sala de aula e problematizando o pensamento da Escola como único local do conhecimento. Como disse Rocha (2000, p.195)

O modo de subjetivação que é veiculado pelas instituições sociais não constitui somente uma transmissão de significações, um conjunto de ideias impostas. Trata-se de sistemas de conexões diretas entre as grandes máquinas produtivas, as estruturas de controle social, e as instâncias psíquicas que defendem a maneira de perceber o mundo. O sistema de significação dominante atravessa a conformação do sujeito social, configurando modos de valorização, de sensibilidade, de desejo e de representação do mundo. (FONTOURA, GALVAN, STIZ & FERREIRA, 2008, p.183)

E foi com o objetivo de democratizar as ferramentas usadas pelos meios de comunicação e influenciar a produção por parte dos estudantes para além da sala de aula, que foi idealizada a oficina de construção do Jornal Escolar. As oficinas ocorreram em setembro e outubro de 2016.

A construção das oficinas para o jornal da escola Pe. Marcelino Champagnat

Para construção das oficinas oferecidas na escola foram planejadas atividades que oferecessem condições mais propícias ao exercício do protagonismo dos estudantes para o jornal escolar. Por pensar o jornal como meio de difundir as ideias, vivências e reivindicações dos alunos. Sendo assim, foram ministradas oficinas caracterizadas como espaços de ecossistemas comunicativos, como disse Ismar Soares (2011), espaços educativos presenciais ou virtuais que têm o objetivo de melhorar o coeficiente educativo das ações comunicativas.

Nesse espaço, ressalta-se a importância da desmistificação da figura dos professores (emissores) como detentores de todo o conhecimento, enquanto as experiências dos estudantes (receptores) não são pensadas como relevantes para o processo de aprendizagem. Assim, ressaltam-se os receptores não como meros decodificadores de significações, mas também como produtores. Paulo Freire diz:

O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação. (Freire, 1985, p. 36)

Visto isso, as oficinas ocorreram em formato de roda de conversa onde foram pensados temas que perpassam a realidade social e cultural dos estudantes presentes.

Para fazer parte do grupo de produção do jornal não foi cobrado nenhum pré-requisito dos estudantes, além da vontade de construí-lo. Os alunos se mostraram estimulados a confeccionar o jornal, contudo, notou-se no decorrer das oficinas a falta de adaptação histórica dos alunos à liberdade de fala, criação e opinião. Por esse motivo, era pretendido por eles reproduzir matérias já existentes e disponíveis na internet. Sartori acentua a importância da valorização cultural dos estudantes:

A autora (Sartori) descreve a aproximação da Educação e da Comunicação para levantar novidades para explicar que o educador deve considerar o entorno cultural do aluno e seus pares de diálogo – colegas, família, mídia – para assim planejar ações que favoreçam a participação, a construção e a troca de conhecimentos no espaço escolar. (ZMORZENKI, SILVEIRA & CARDOSO, citando SARTORI; 2016, p.9)

A partir das oficinas de Fotografia, Produção Textual e Diagramação foi possível que os discentes assumissem o papel de produção e difusão de informação, assim, abandonando o caráter imposto a eles de sujeitos passivos para sujeitos ativos e produtores do próprio conhecimento.

Para escolha do nome do Jornal Escolar, foi realizada eleição com todos os estudantes dos três turnos ofertados na escola. O nome com maior número de votos foi “Fala Champagnat”, nome que faz jus ao jornal e a forma como ele foi construído.

Considerações Finais

Por meio da experiência de construção do jornal “Fala Champagnat”, tendo participação integral dos estudantes em sua confecção, foi possível desenvolver e criticar a relação dos estudantes com os professores, com o ambiente escolar e com o modelo de ensino. Além de valorizar a criatividade dos alunos, sua cultura, histórias e experiências.

Pode-se concluir que a construção do jornal foi de suma importância para produção de uma mídia que se contrapõe a mídia de massa hoje acessada pelos jovens, na qual eles não se sentem representados. Observa-se assim, a formação de pessoas capazes de fazer uma leitura crítica da mídia.

Além disso, as oficinas educacionais ministradas pelo projeto “Tvez: comunicação para cidadania” serviu para apresentar novas tecnologias a serem usadas em sala de aula e ampliar a visão crítica quanto ao acesso a produção e difusão de conteúdos pela mídia tradicional.

No jornal, os estudantes trataram de temas como a história do colégio, desfile cívico e falta de água no bairro, mostrando assim, o “Fala Champagnat” como forma de diálogo não só dentro da escola como também na comunidade que a cerca. Enaltecendo assim, temas como a cultura local dos jovens.

O Jornal Escolar como iniciativa educacional reafirma a relevância de se criar formas de comunicação alternativas aos meios de comunicação de massa que invisibilizam cotidianamente as histórias e experiências dos estudantes de escola pública periférica. Visto isso, a iniciativa foi demasiadamente intrínseca para os estudantes que tiveram contato (na produção e/ou recepção) do jornal “Fala Champagnat”.

Bibliografia

CARDOSO, Fernando Luiz. SARTORI, Ademilde. SCHONINGER, Raquel. Educomunicação e prática pedagógica educacional: uma revisão sistemática. 2016.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Disponível em: http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Livro_P_Freire_Extensao_ou_Comunicacao.pdf Acesso em: 25.01.2017

GOMEZ, Guillermo Orozco. Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania. 1ª edição, 2014.

LEGRAND, Louis. CÉLESTIN FREINET. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4664.pdf> Acesso em: 22.01.2017

MIRANDA, Luciana Lobo. VITORINO, Inês. LIMA, Thiago Reis. Fazendo mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal.

SILVA, Anderson Lopes. O Jornal Escolar como Campo de Estudo da Educomunicação: A Experiência Pedagógica do Jornal Educativo e do Notícias Escolares. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-krauss-o-jornal-escolar-como-campo-de-estudo-da-educocomunicacao.pdf>. Acesso: 20.01.2017

SOARES, Donizete. EDUCOMUNICAÇÃO - O QUE É ISTO? Disponível em: http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf Acesso: 23.01.2017

SOARES, Ismar. Educomunicação: o conceito, o profissional e a aplicação. 2ª edição, 2011.

SOBRINHO, Mayara Rosa. EDUCOMUNICAÇÃO, JORNAL LABORATÓRIO E JORNAL ESCOLAR: A ELABORAÇÃO DOS JORNAIS INTERNOS DAS ESCOLAS PRÉ-UNIVERSITÁRIO E JOSÉ HONORATO, GOIÂNIA-GO. Disponível em: <http://www.fara.edu.br/sipe/index.php/anuario/article/view/106/95> Acesso em: 20.01.2017